



## A RELAÇÃO CENTRO X PERIFERIA e o intelectual engajado

Lívia Reis<sup>1</sup>

Em 1989 tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o escritor e professor Arturo Arias, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, em uma conferência sobre o romance que acabara de publicar, *Jaguar en Llamas*. Na verdade, ao conhecer o escritor e sua obra, percebi que se tratava do mesmo autor de outro romance que havia despertado minha atenção anos antes, quando tive a sorte de ler *Iztzum Na*. (ARIAS 1985)

Ambos os romances, bem construídos e instigantes me impressionaram bastante, sabia que estava diante de um bom escritor, daqueles que sabem manejar a linguagem e criar tramas que, ao mesmo tempo em que trazem uma forte carga estética, fincada na contemporaneidade, não abrem mão de aventurar-se por temas profundamente marcadas por questões de ideologia e identidades, sempre trabalhadas a partir do olhar latino-americano. Com o passar do tempo, tive acesso à obra crítica de Arturo Arias. É sobre ela que quero tecer alguns comentários e compartilhar algumas reflexões.

Este texto, pretende amarrar três elementos que já se encontram profundamente relacionados entre si que são: o papel do intelectual engajado exercido por Arturo Arias, a polêmica em torno da obra de Rigoberta Menchú, e o diálogo, ou melhor, a falta de diálogo entre a crítica exercida no Brasil e aquela exercida por seus pares na América Hispânica. A motivação que me levou a pensar esse tema, foi a relevância que a polêmica em torno da obra de Menchú ganhou nos espaços da Academia, sobretudo, Norte Americana, e na mídia internacional, além do papel que Arturo Arias assumiu ao escrever artigos e organizar, em 2001, o livro *The Rigoberta Menchú controversy*.

---

<sup>1</sup>Lívia Reis é professora daUFF.

Para os que desconhecem a polêmica, vamos aos fatos: em 1983, foi publicado o livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así nació mi consciencia*, testemunho da jovem indígena maia-quiché de mesmo nome, mediado pela antropóloga franco-venezuelana Elizabeth Burgos. O testemunho, de caráter controvertido, conta a história de vida de Menchú, a partir de uma postura ideológica, indígena, feminista e antiimperialista. Na verdade, o que o testemunho também conta é a guerra que a hegemonia Guatemalteca desempenhou contra a cultura maia-quiché, a qual pertence Rigoberta. O livro, desde seu aparecimento, tornou-se um êxito e tema de inúmeras reflexões por parte da crítica especializada, sobretudo por trazer em si todas as questões e dificuldades de natureza ética e estética pertinentes aos testemunhos de sujeitos subalternos, questões de constituição de nação e da luta entre culturas hegemônicas e indígenas.

Com a publicação do testemunho, Rigoberta saiu da obscuridade, correu o mundo dando conferências sobre seu povo e ganhou o Premio Nobel da Paz de 1992, ano em que se comemoraram os 500 da chegada dos espanhóis na América. Anos depois, o professor e pesquisador norte americano Robert Stall, por diferentes motivações, mas com certeza com um forte traço de etnocêntrico, publicou outro livro, resultado de sua pesquisa, no qual acusa o testemunho de Rigoberta de falso e mentiroso. Este livro gerou uma enorme controvérsia, intelectuais e líderes indígenas saíram em defesa de Rigoberta e todo o caso terminou por gerar outro livro, *The Rigoberta Menchú Controversy* de 2001, organizado por Arturo Arias. Este breve resumo dos fatos serve para localizar o trabalho de Arias que queremos comentar.

124

Tratar de um tema tão polêmico se mostra bastante complicado por vários motivos. Como a controvérsia está amplamente discutida e pensada nos EUA e na América Hispânica, pode-se supor a dificuldade de se aborda-lo, sobretudo, por ter sido motivo de reflexão por parte de intelectuais interessados em questões de subalternidade e de testemunho. Alie-se a isto, a ação solidária, de escritores de renome internacional, tenha colaborado na divulgação da controvérsia levantada a partir da pesquisa de Stall. Junto a esse fato, indiscutível, alia-se outro não menos importante, que é o engajamento de Arias, o intelectual guatemalteco, no centro destes debates e, finalmente, a conclusão de como a academia e os intelectuais no Brasil estão distantes desta polêmica que, aparentemente invadiu os espaços acadêmicos mundo afora. Portanto, a partir desta perspectiva múltipla pretendo contribuir para os debates.

Inicialmente uma justificativa para o título deste ensaio “A relação centro x periferia e o intelectual engajado”, pretende dar conta da permanente tensão e contradições que envolvem o discurso da crítica quando se vê diante de questões surgem nas periferias e a maneira como elas são tratadas por parte do discurso hegemônico, do centro. O título também pretendo abarcar a dimensão e o comprometimento do intelectual Arias com o seu país e sua história e, desta forma, entender as motivações que o levaram a assumir a organização do livro, *The Rigoberta Menchú Controversy*, publicação fundamental para o entendimento da polêmica.

O percurso de Arias como crítico e como romancista nunca se distanciou de seu papel de intelectual da Guatemala. Em inúmeros artigos publicados em revistas especializadas em diferentes países, percebe-se o engajamento de Arias em exercer seu papel de crítico que não tenta escamotear o seu olhar construído e fundamentado a partir das margens. O livro *La identidad de la palabra: narrativa guatemalteca a luz del siglo XX*, de 1998, se abre com um capítulo intitulado “Teoría literaria y narración del cambio social”, no qual trata da expansão do debate teórico sobre a pós-modernidade na América Latina. Nele, além de discutir as implicações da teoria de Bakhtin na análise da literatura latino-americana, o crítico se compromete em re-pensar o conceito de identidades nacionais, à luz das abordagens sobre o espaço da subjetividade, proposto pelas ciências sociais. Ao longo de todos os ensaios do livro o autor se enfrenta com textos de escritores que estão sempre, de uma forma ou outra, intrinsecamente ligados aos problemas de identidade, ideologia e política, que são as marcas da literatura e da história da Guatemala.

Segundo Arias, a leitura dos textos literários exige uma postura comprometida e, é com essa postura, que o crítico vai encerrar o volume, em um capítulo, que relaciona toda a obra ao “repensar o predicamento do intelectual neocolonial”. Arias afirma “desde los intelectuales que militaron en la lucha por la independencia a principios del siglo diecinueve hasta los comandantes guerrilleros de los años ochenta, la separación de las categorías de intelectual y político ha sido – lo menos que se puede decir – mínima. (ARIAS, 1998, p. 209). Assim, os autores estudados e ele mesmo, como romancista, vão elaborar obras, nas quais a temática e abordagem sempre irão privilegiar questões ligadas à história da Guatemala, permeadas de denúncias, violência e política. De acordo com Arias, essa estreita relação entre o intelectual e o político fez com que os intelectuais da Guatemala se transformassem em porta-vozes de seu povo, falando em nome de uma maioria silenciada.

Ao longo dos ensaios do livro, inúmeras reflexões poderiam ser objeto de um olhar mais detalhado. Porém, por ligar-se às questões que tocam o intelectual e a crítica brasileira, cito uma colocação da página 3, da introdução, onde se sentam as bases que serão aprofundadas ao longo dos ensaios. Ao abordar os debates sobre pós-modernidade produzidos pela crítica literária na América Latina Arias afirma:

“Sin lugar a dudas, donde más se ha abierto el debate y donde más eco ha tenido es el (sería “el” ou “en”?) Brasil. Sin embargo, allá mismo queda confinado a un triángulo cerrado, de donde logra conexiones con Paris y con los EEUU, pero casi ninguna con la América Hispánica” (ARIAS, 1998, p.3).

Concordamos em parte com a afirmação, isto é, de fato a nossa crítica têm desenvolvido uma série importantes reflexões a respeito da pós-modernidade e seus produtos e suas consequências em nossa sociedade e em nossa produção cultural, no entanto, discordamos do entendimento de Arias quando afirma que estes debates estes estejam estabelecendo um diálogo com os centros. Entendo que a reflexão crítica

produzida em nosso país ainda está restrita a nosso circuito intelectual e acadêmico. Não chegamos a fazer eco em outros países do centro e pior, também não construímos um diálogo efetivo com os nossos vizinhos da América Hispânica. Ou seja, percebo um duplo isolamento: tanto em relação aos centros como em relação às outras margens.

Essa constatação tem proporções que não se imagina. Um exemplo que pode ser contextualizado no marco deste ensaio é o desinteresse da crítica de nosso país com relação à toda a polêmica em torno do testemunho de Rigoberta Menchú. Nas inúmeras revistas especializadas existentes em quase todas as universidades brasileiras e em anais de congressos de diferentes áreas, não encontrei textos que tratassem do tema.

Estes fatos são representativos do desinteresse que a crítica brasileira tem com relação às questões de identidade, subjetividade e engajamento pertinentes em outros países da América Latina. Esta assertiva nos leva a pensar em outro tema, de igual importância, que propõe Arturo Arias, quando trata da invisibilidade da literatura centro americana. Em *Gestos Cerimoniales*, publicado também em 1998. O texto que abre o volume traça um esboço da literatura e da história recente da América Central. Para repensar as textualidades emergentes, as identidades e o papel da narrativa contemporânea centro-americana, Arias nos conduz através da história literária, compondo um vigoroso painel da literatura do subcontinente, no qual o engajamento intelectual e o seu papel político conformam um todo indivisível. Assumindo ser a América Central a margem da margem, Arias fundamenta que:

En el contexto centroamericano, la textualidad surge desde la marginalidad de la marginalidad. El discurso de esa región particular del mundo no sólo es marginal con relación a los centros de poder mundial, sino incluso a los pequeños centros de poder marginal: México, Buenos Aires, São Paulo. (ARIAS,1998,p.11).

A reflexão de Arias elabora um lúcido mosaico onde a textualidade e a representação são entendidas a partir da condição de discurso marginal, que utiliza as estratégias de representação para dialogar com os discursos hegemônicos.

Em ambos os trechos citados, Arias menciona o pensamento gerado no Brasil e a situação hegemônica de nosso país, em relação a outras periferias do continente, no caso, a América Central. Podemos então relacionar tais posições levantadas por Arias à falta de interesse dos meios acadêmicos brasileiros com relação à obra e a polemica de Rigoberta Menchú, para confirmar a assertiva de Arturo Arias. No entanto, essa invisibilidade que reclama o autor para as textualidades centro-americanas, também tem sido motivo de reivindicação por parte da crítica e da academia brasileira com relação aos nossos pares da parte hispânica do subcontinente. Frequentemente, percebemos a ausência e o silêncio sobre o a literatura e a cultura brasileira em congressos e colóquios internacionais, em textos que falam sobre América Latina, em antologias e em histórias literárias. A participação de intelectuais brasileiros em fóruns como estes, é desproporcional ao tamanho e à importância de sua produção literária e cultural. Visto por este ângulo, onde está a periferia?

Esse tema nos leva a aprofundar a discussão sobre margem x centro sem nos afastar do principal objetivo de nossa reflexão, pois este é um dos eixos conceituais que Arias vai utilizar em sua análise sobre os escritores centro-americanos sem, no entanto, nunca abandonar o solo firme de sua leitura, que é o literário.

O epílogo de *Gestos Cerimoniales*, intitulado, *Identidad-literariedad. marginalidad y postmodernidad em Centroamérica* propõe o desafio da incorporação da narrativa centro-americana ao mapa literário-cultural do continente. Em um tom entre o indignado e o analítico, Arias percorre os principais momentos, gêneros e nomes da literatura de sua região e, em um inventário vivo e vigoroso, exige a saída da invisibilidade, da marginalidade que a pós-modernidade continua impondo aos espaços periféricos e, sobretudo, propõe estratégias para que os escritores centro-americanos elaborarem seu discurso, com o objetivo de inseri-lo nas correntes discursivas cosmopolitas e, desta forma, garantir mecanismos que validem sua voz, dentro e fora da região.

O movimento de incorporação da marginalidade e do silêncio na reconstrução das identidades periféricas na análise de Arias, encontra na figura de Rigoberta Menchú seu principal ícone, emblema carregado de gestos simbólicos. A textualidade e o papel político de Menchú foram pensados, discutidos e debatidos por toda a comunidade que trabalha com literatura e/ou estudos culturais latino-americanos. Perguntamos, que papel desempenha Arias neste panorama?

Em 1998 Arias afirmava:

“El rol de Menchú como icono viviente y portavoz de su pueblo ha conseguido lo que no logró la insurrección de 1979-82: le ha dado una identidad a los heterogéneos grupos mayas que ahora empiezan a rearticularse dentro del horizonte simbólico guatemalteco con otros símbolos que encarnan valores ético-morales en su búsqueda de redención. El discurso testimonial de Menchú como estrategia de resistencia ha triunfado al constituir la como elemento unificador de la anterior disparidad, transitando del silencio periférico a la representación verbal y la autoconstitución que re-territorializa su identidad desplazada, su espacio de subjetividad... Un nuevo sujeto hablante ha articulado una textualidad fundante que ha constituido un sistema de conocimiento alternativo.. Mesiánica figura de la reconstitución de la identidad, Menchú es la prueba viviente de que al re-pensarse la misma y reconfigurar la subjetividad de nuevos espacios de representación, se continúa estableciendo una relación poder/textualidad como corolario de la representación poder/conocimiento. (ARIAS, 1998, p.306/307).

Neste livro além de trabalhar com outros textos de testemunho, gênero incorporado à textualidade centro-americana na contemporaneidade, Arias toma o texto de Rigoberta como fundador deste tipo de textualidade como prática política na Guatemala, na medida em que ele funcionou como veículo para colocar a autora na arena internacional, além de contribuir, internamente, para a transformação de Rigoberta em porta-voz e representante dos grupos maia-quiché em seu país.

Em 2001, após a publicação do livro de David Stoll, Arturo Arias abraçou definitivamente a causa que vinha se delineando em sua trajetória de crítico e ensaísta,

ao aceitar a coordenação do volume *The Controversy*. Como ele esclarece no capítulo introdutório, ao mencionar sua relutância inicial em assumir a organização do volume e sua posterior anuência em atender aos pedidos, na verdade, confirmavam o seu papel de intelectual engajado e profundo conhecedor da história de seu país.

A publicação é um grande mosaico de vozes nem sempre consoantes. A abrangência que se buscou permite ao organizador dar voz aos envolvidos, Rigoberta Menchú e David Stoll, à críticos de expressão dentro da área de estudos pós coloniais latino-americanos, como Mary Louise Pratt, Doris Summer, John Beverly, E. Slodowska, apenas para citar alguns. Em uma segunda parte, escritores consagrados, como o uruguaio Eduardo Galeano ou a espanhola Rosa Montero, entre outros, garantem ao volume além da credibilidade uma grande dose de solidariedade e vontade em colaborar no sentido de dar um fim à polêmica.

O papel do organizador da *Controversy* confirma a tênue linha que separa o intelectual do político em países como a Guatemala e o engajamento de Arturo Arias em seu papel de guerrilheiro da palavra. Com *Rigoberta Menchú Controversy* e os artigos que Arias publicou em seguida, *After the Controversy: lessons learned about the nature of subalternity and the specifics of the indigenous subject* de 2002 e *Authoring ethnicized subjects: Rigoberta Menchú and the performative production of the subaltern self*, de fins de 2001, Arias avança no entendimento da subjetividade e representação da obra de Rigoberta Menchú e reafirma o seu comprometimento com a crítica do sujeito subalterno e dos grupos indígenas de seu país.

Resgatando Miguel Angel Astúrias, autor Guatemalteco também agraciado com o Prêmio Nobel e por diversas gerações modelo inspirador de jovens intelectuais centro-americanos, “el poeta es una conducta moral”, Arturo Arias faz de sua obra crítica, assim como de sua ficção, o meio de resolver, dialeticamente, a dicotomia entre ser intelectual e ser político, ser poeta e ser guerrilheiro.

ARIAS, Arturo. *Gestos Cerimoniales*. Guatemala: Ártemis-Edinter, 1998.

\_\_\_\_\_. *La Identidad de la palabra*. Guatemala: Artemis – Edinter, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.) *The Rigoberta Menchú Controversy*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2001.

\_\_\_\_\_. Authoring Ethnicized Subjects: Rigoberta Menchú and the performative production of the subaltern self, *Publication of the Mordern LanguaGE Association of America*. vol.116, no. 1, January2001.

\_\_\_\_\_. After Rigoberta Menchú controversy: lessons learned about the nature of subalternity and the specifics of the indigenous subject, *MLN Hispanic Issue*. vol.117, no. 2, march2002.

\_\_\_\_\_. Travestimos, etnicidades, géneros: recodificación de símbolos en Miguel Ángel Asturias y Rigoberta Menchú. *Fonteirias do Literario II*. REIS, Livia e PARAQUETT Márcia (Orgs.) Niterói: EdUFF, 2002.

MENCHU, Rigoberta, BURGOS, Elizabeth. *Me llamo Rigoberta Manchú así me nació la conciencia*. Madrid: Seix Barral, 2000.

